

Assistência à saúde no interior baiano: trajetória política e filantrópica de Crescêncio Antunes da Silveira (1916-1952)

CLEIDE DE LIMA CHAVES*

TATIANE PEREIRA AMORIM**

Crescêncio Antunes da Silveira (1884-1952) é um personagem importante para a compreensão da trajetória filantrópica e assistencialista do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista entre as décadas de 1910 a 1950. Tendo atuado como médico e político, pretende-se com este texto discutir a filantropia cristã praticada por ele e de que maneira contribuiu para o estabelecimento deste tipo de prática na cidade de Vitória da Conquista, no interior baiano.

Utilizaremos aqui os conceitos de filantropia e caridade como similares, porque foi o modelo filantrópico-caritativo cristão que se firmou no Brasil e na cidade de Conquista neste período. O elemento da caridade cristã está muito presente porque, dentre outras questões, a Igreja Católica teve um papel fundamental na estruturação do hospital da Santa Casa da cidade e porque o nosso personagem, Crescêncio da Silveira, era um católico fervoroso e destacava esse elemento em seus discursos nas reuniões da irmandade. Os memorialistas locais destacam que ele foi apelidado pelo povo conquistense como o “Apóstolo da Caridade”, e assim o descreviam como “médico clínico, que sempre atendeu a todos, sem distinção de classes, praticando mais a caridade, não ligando recompensa material e a prova é que quando faleceu não tinha, nesta Cidade, uma casa para morar”(VIANNA, 1982,p.241).

Em sua eleição para provedor da irmandade em 1931, ele profere um discurso de agradecimento aos irmãos pela escolha do seu nome e destacava que

Reconhecedor do seu nada, entretanto não queria ser ingrato aos seus irmãos, que o elegeram, ao seu guia espiritual Cônego Exupério Gomes, que o apresentara ao povo de Conquista, em cuja cidade tem filhos e em cujos cemitérios tem os seus entes mais queridos, e aos pobres, em cada um dos quais, vê a imagem de Cristo; no

* Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (2009). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Uesb. E-mail: keuchaves@hotmail.com. Esta pesquisa foi financiada pela Uesb e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

** Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Foi bolsista de iniciação científica da FAPESB no projeto de pesquisa intitulado “História da assistência à saúde na Bahia: a Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista (1910-1950)” entre agosto de 2011 e julho de 2012.

entanto que pedia e esperava orações do Cônego Exupério e dos seus irmãos no sentido de ampará-lo na via sacra do desempenho das missões de Provedor, de modo a conduzir-se, segundo a vontade de Deus, por um caminho menos mal e mais digno desta Irmandade e da Sociedade Católica de Conquista.¹

Portanto, a filantropia desempenhada por este médico esteve diretamente associada à caridade cristã e ao modelo caritativo das Misericórdias. Devemos salientar que a cidade de Conquista, localizada no interior da Bahia, era um pequeno vilarejo pobre e sem recursos, cujo modelo de assistência adotado e que perdurou durante, pelo menos, até a década de 1950, foi o das Santas Casas. Apesar das primeiras décadas do século XX ser caracterizadas como “o momento de transição de assistência eminentemente centrada nas ações das Misericórdias para ampliação das ações do Estado na assistência hospitalar” (SANGLARD e FERREIRA, 2010, p.439), essa não foi a realidade desta cidade, nem muito menos dos seus médicos. Crescêncio Silveira tem sua trajetória intrinsecamente ligada à esta Instituição, na qual dedicou quase toda sua vida profissional.

Como informa o memorialista Aníbal Vianna, ele era diplomado em “Farmácia e, depois, Doutor em Medicina, conforme tese, sendo diplomado pela então Faculdade de Medicina do Estado da Bahia. Residiu nesta cidade (Conquista) por duas vezes: a primeira, de 1914 a 1919; a segunda, de 1930 até a data de sua morte”(VIANNA, 1982, p.241), que ocorreu em 20 de julho de 1952. Natural de Caetité, os primeiros seis anos vividos em Vitória da Conquista foram fundamentais para a construção de laços sociais, políticos e afetivos na cidade. Em agosto de 1916, tornava-se sócio contribuinte da Sociedade de São Vicente de Paulo², fundada na cidade em 1913 pelo clérigo Manoel Olympio Pereira e, logo depois, Crescêncio ganhava nova titulação na instituição, haja vista que

Este distinto sócio passou da categoria de contribuinte desta sociedade para sócio efetivo da mesma por ser como tal muito mais proveitoso a nossa obra de caridade, o que felizmente aceitou de coração. [...] e manifestou que não conheceria dificuldades

¹ Ata da reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista de 01 de março de 1931. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

² Esta instituição é formada por católicos leigos e tem suas origens na França, tendo sido fundada em 1833 a partir da iniciativa do católico Antonio Frederico Ozanam e inspirada em São Vicente de Paulo, considerado padroeiro das obras de caridade. A Conferência Vicentina, por sua vez, alcançou o Brasil no ano de 1872 com a Conferência São José no Rio de Janeiro e seus membros são chamados de Vicentinos.

nem pouparia esforços que o privassem de prestar os seus serviços a Sociedade de São Vicente de Paulo³.

Ou seja, desde o princípio Crescêncio se engajara nas obras de caridade cristã da cidade e demonstrava seu compromisso com elas. A Conferência Vicentina, da qual ele fazia parte, tomou a iniciativa de criação de um hospital na cidade, no ano de 1914, haja vista o grande número de pobres que eram socorridos por essa instituição e que necessitavam de assistência médica. Em 1915, foram aprovados pelos vicentinos os estatutos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Conquista e a tarefa principal dessa nova entidade era a construção e direção de um hospital “em benefício de tantos pobres enfermos que por aqui vivem à míngua de todos os recursos”⁴. A partir de 1917, a Santa Casa passou a funcionar com uma Provedoria, com vistas à feitura e funcionamento de um pequeno hospital filantrópico.

Mesmo considerando que a República no Brasil, a partir de 1889, implantou a separação do Estado e da Igreja Católica, na prática essa última instituição exercia um imenso poder político nas cidades do interior do Brasil. Em Conquista esse fato é notório não apenas no exercício da caridade e da filantropia no que se refere à saúde, como também na educação. Como destacou Edileusa Oliveira (2009, p.74):

A primeira escola a oferecer o curso ginásial em Vitória da Conquista foi fundada e dirigida por um padre diocesano - Luiz Soares Palmeira... na primeira metade do século XX é notável todo o empenho da Igreja Católica para a fundação e direção de uma instituição de ensino em Vitória da Conquista.

Em Conquista, portanto, evidencia-se a preeminência da Igreja e de leigos católicos na direção e administração de instituições educacionais e hospitalares, que marcaram o desenvolvimento da cidade e da região. Como defende Edileusa Oliveira (2009, p.78), os conceitos defendidos pela Igreja e partilhados pela elite católica conquistense eram os de “autoridade, lei, hierarquia social, domínio da elite moralizante, docilidade das classes dominadas e defesa da ordem”.

³ Ata da Sociedade de São Vicente de Paulo de 03/09/1916. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

⁴ Livro de tombo da paróquia de Nossa Senhora da Vitória de 20 de dezembro de 1914. Arquivo da Igreja Matriz de Vitória da Conquista.

No caso da fundação do hospital na cidade, a persistência do padre Manoel Olympio Pereira foi determinante. Esse sacerdote teve papel fundamental na construção do Hospital da Santa Casa. A forte presença da Igreja Católica na direção desta Instituição evidenciou uma das contradições da nascente República “laica”: “a mais notável resulta do fato da Igreja protagonizar um papel nunca antes permitido: fundação, direção e supervisionamento de Misericórdias” (FERNANDES, 2009, p.66). Parte desta contradição explica-se, no caso de Conquista, pelo fato de que, em uma cidade pequena e com escassos espaços de sociabilidade, a única instituição capaz de aglutinar pessoas e interesses era a Igreja. Não por acaso, a principal liderança da Santa Casa foi um religioso, que conduziu os primeiros trabalhos da Irmandade, cujo objetivo estava mais voltado para o cumprimento da caridade cristã.

A Igreja Católica supervisionava as eleições para a Provedoria da entidade e aprovava ou não os eleitos. Como a freguesia de Conquista estava submetida à Arquidiocese de Salvador⁵, o Arcebispo primaz recebia as informações – por correspondência – acerca das atividades administrativas da Santa Casa, conforme consta na documentação estudada, “da mesa administrativa dessa irmandade que tem de servir durante o ano compromissal de 1933. Aprova o Exmo. Prelado a eleição e faz votos por que todos os eleitos sejam felizes no desempenho de seus deveres em honra dessa Irmandade”⁶.

Crescêncio da Silveira assumiu os trabalhos de construção do hospital e de arrecadação de verbas após o afastamento do padre Manoel Olympio da freguesia de Conquista em 1918⁷, bem como o cargo de provedor, que passou para as suas mãos. Assumiu ainda o cargo de conselheiro municipal entre os anos de 1918 e 1920, atuando na Câmara nos temas relacionados à saúde e higiene da cidade. Em 1918, no primeiro ano como conselheiro, apresentou seus pedidos:

Em nome da Provedoria da Santa Casa requero licença para edificar um cemitério para os doentes pobres dentro da área destinada à servidão daquela obra pia; e ao mesmo tempo solicito a benevolência de tornar efetiva a verba destinada a Santa

⁵ A diocese de Vitória da Conquista só foi criada em 1957. Sobre a Igreja na Bahia da primeira república ver: SANTOS, Israel Silva dos. *Igreja Católica na Bahia. A reestruturação do Arcebispado Primaz (1890-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁶ Ata da reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista de 12 de fevereiro de 1933. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

⁷ Este padre foi nomeado para a paróquia de Manaus e lá foi eleito bispo em 1925.

Casa votada por esse conselho, na gestão do ano próximo passado, dando-lhe o direito de levantar a importância para compras de ferros e outras despesas, mesmo antes da inauguração que se dará em outubro do corrente ano⁸.

No entanto, por razões ainda desconhecidas, Crescêncio se afastou de Conquista no ano de 1920, solicitando o desligamento da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e do Conselho Municipal, só retornando dez anos depois, no ano de 1930.

O ano de saída de Crescêncio da Silveira da cidade foi marcado pela chegada de outro médico, Luiz Régis Pacheco Pereira, enviado pelo governo do Estado para debelar uma epidemia de varíola que atacava os habitantes de Conquista. Régis Pacheco foi logo incorporado à Irmandade da Santa Casa, bem como à endogamia conquistense, como chama a atenção o historiador Belarmino Souza, ao se casar com uma legítima representante do poder político instituído na cidade, pois “com o casamento, o dr. Régis passou a integrar o tronco dominante da endogamia conquistense, os Fernandes de Oliveira/Santos” (SOUZA, 1999, p.122).

O rápido estreitamento de Régis Pacheco com a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia conquistense significou o reconhecimento daquela comunidade ao médico recém-chegado, bem como proporcionou a ele a possibilidade de exercer a filantropia e de desfrutar “também de vantagens políticas trazidas pelo relacionamento com elites econômicas, secularmente à frente das instituições, motivação que aliciava novos irmãos” (FERNANDES, 2009, p.67). Os irmãos da Santa Casa conquistense eram os comerciantes, fazendeiros e coronéis da cidade, que se revezavam nas estruturas de poder.

Apesar da enorme projeção política alcançada por Régis Pacheco na década de 1920, ela não se converteu em maior filantropia para o hospital da Santa Casa. Mesmo tendo sido provedor entre os anos de 1927 e 1928, quase nada foi feito em prol do funcionamento daquela instituição de caridade.

O doutor Régis Pacheco atuou principalmente como médico particular na década de 1920 e era em seu consultório, situado na “Praça 15 de novembro, n. 64”⁹, que exercia sua

⁸ Ata da reunião do Conselho Municipal de Conquista de 20/05/1918. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

⁹ Anúncio do jornal *A Notícia* de 23/07/1921. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

filantropia junto aos mais carentes, e não na Santa Casa, que ficou praticamente abandonada neste mesmo período. Teve também expressiva participação política, tendo sido eleito conselheiro municipal em duas legislaturas, em 1926 e 1930.

Enquanto isso, em 1926 o hospital São Vicente de Paulo¹⁰, inaugurado em 1919 seguia fechado, mesmo tendo à frente um importante personagem político, o dr. Régis Pacheco, que neste ano havia conseguido ser eleito ao Conselho Municipal. As dificuldades financeiras eram o maior obstáculo para o hospital, que não conseguia angariar recursos públicos e doações suficientes para sua manutenção. De acordo com o relato do jornal “A Vanguarda”:

Embora esteja (assim nos pareça) em estado de deteriorização a Santa Casa de Misericórdia, mesmo assim irrefutavelmente, temos um asilo, uma casa, algumas paredes fincadas destinadas a abrigar em seus recantos aquele cuja sorte desfavorecida, banuiu-lhe do seio da sociedade injusta [...] E porque não convergimos olhares de piedade aquele, quer seja samaritano ou judeu, oferecendo-lhe, sem nenhum sacrifício, o vigor de nosso braço em proteção [...] E porque não abrigar nesta Santa Casa, que dignifica o nome de Conquista, aqueles que tão miseravelmente deixam exalar o último gemido [...] E não foi para se ver fechadas as suas portas que os visionários do bem fundaram a Santa Casa de Misericórdia¹¹.

Outro importante periódico da cidade daquele ano de 1926, *A Semana*, também anunciava o abandono da Santa Casa de Misericórdia e iniciava, de certa forma, a comparação em torno dos médicos Régis Pacheco e Crescêncio da Silveira.

[...] este ninho carinhoso do mendigo, esta pousada do humilde leproso, onde há alguns anos passados os pobres variolosos ali se abrigaram até à hora aprazada de seus restabelecimentos ou o funéreo momento de deixarem para sempre a terra. Ali onde não se recusa a náusea fétida do tumor, onde não se teme o contágio da typhoyde ou os temíveis micróbios da tuberculose, onde uma coisa manifesta linda como o olhar da Virgem Maria e, bondosa como o coração do meigo Jesus, é a caridade. [...] Resolvemos tracejar essas linhas, pedindo ao competente poder, aos administradores de nossa terra melhoramentos para este prédio, pois se assim não fizerem caminhará decididamente para uma completa extinção, como vemos em diversas paredes fendas salientes, pressagiando-a o seu desabamento. [...] Abandonada há tanto tempo, parece que o mato, as relvas pelo menos querem invadir-lhe até o interior, sem se tomar a mais leve providência. Destinada a caridade, é a sua tarefa, por isso ela nunca deverá morrer. [...] *Quem ainda se lembra de seus fundadores que não deixar de exalar do peito um suspiro, dos olhos uma lágrima?! Dr. Crescêncio aquele modesto médico do povo, e o padre Olympio aquele humilde e bondoso sacerdote que soube captar a eterna gratidão dos conquistenses.* [...] Eles que muito serviram a Conquista e aos seus amados filhos,

¹⁰ O hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista recebeu o nome de São Vicente de Paulo como homenagem à Conferência Vicentina que o havia criado.

¹¹ Jornal *A Vanguarda* de 30/11/1926. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

terão de nós e de nossos vindouros, o maior e o mais sublime respeito. Na história de nossa terra os seus nomes burilados, serão perpetuamente um alvo de brilhante admiração¹².

Este jornal era conservador e fazia oposição a Régis Pacheco, político que estava em ascensão na cidade e que ocupava, naquele momento, o cargo de provedor da Irmandade da Santa Casa. De certa forma, o texto atacava a figura do jovem médico estrangeiro, que não havia sabido cuidar dos pobres indigentes e da caridade cristã e enaltecia outro médico que, naquele momento, não morava mais na cidade.

Apesar do afastamento de Crescêncio da Silveira da cidade de Conquista, ele a visitava com certa frequência, como aparece nas notícias do jornal *A Semana* nos anos de 1925 e 1927, o que sinaliza a possibilidade de o mesmo saber o que se passava com o hospital que havia ajudado a construir. A matéria de 1927 o engrandece e praticamente o conclama a retornar para Conquista, quando afirma que ele foi o fundador “da Santa Casa de Misericórdia e iniciador de inúmeros outros benefícios públicos, estacionados porque não confessar, devido a sua ausência, o Dr. Crescêncio Silveira tem em nosso meio por todas as classes sociais, simpatias francas e sólidas amizades”¹³.

O discurso dos dois periódicos evidencia a concepção vigente de que o hospital deveria ser um local de exclusão e de recolhimento dos pobres indigentes e mendicantes, pois predominava a visão de que “o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso” (FOUCAULT, 1979, p.59). A Santa Casa de Misericórdia continuava servindo para abrigar os menos favorecidos e cumprir com a caridade cristã, mas não para efetivamente curá-los.

O certo é que em 1930, o médico clínico Crescêncio Antunes da Silveira se reestabelecia na cidade e reassumia suas funções de irmão da Santa Casa de Misericórdia. As mudanças na ênfase do hospital de exclusão para um hospital medicalizado ocorreram em sua

¹² Jornal *A Semana* de 21 de abril de 1926. Grifos meus. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

¹³ “Dr. Crescêncio Silveira”. Jornal *A Semana* de 27 de agosto de 1927. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

gestão na Provedoria da Misericórdia a partir de 1931, quando o mesmo implantou uma equipe médica e passou a medicar os pacientes no interior do hospital. O retorno dele para a cidade foi crucial para o destino da Irmandade e para a sua atuação como médico filantropo.

A atuação médica mais relevante de Crescêncio da Silveira era como obstetra. Quando em 1941 se formou o primeiro corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, ele é nomeado para cumprir as funções da clínica obstétrica¹⁴. Com a inauguração da Maternidade Régis Pacheco, também pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Conquista, em 1952, seu nome é evocado:

Instalada em 11 de janeiro de 1952, vem a Maternidade desenvolvendo suas atividades sem interrupção, preenchendo a lacuna deixada, nesta cidade, pelo falecimento do bom, dedicado e magnânimo Dr. Crescêncio Silveira, aquele incansável velhinho, o verdadeiro amigo da Mãe Pobre de Conquista¹⁵.

Os médicos voluntários da Santa Casa de Conquista realizavam partos em domicílios, destes *parteiros*, alguns ganharam maior visibilidade que outros, pelos motivos mais diversos, como foi o caso de Crescêncio Antunes da Silveira. A notoriedade deste indivíduo se deveu, em grande medida, à sua prática caritativa e religiosa, como observa este relato em um jornal local, quatro anos após o seu falecimento:

não temia o frio nem a chuva, não se arreceava da ira dos elementos nem da ingratidão dos homens, para fazer o bem, com os olhos voltados unicamente para a recompensa que se obtém d'Aquele que tudo vê e a todos julga. [...] Rara é a mãe pobre em Conquista que não deve a própria vida ou a de seus filhinhos, a abnegação desse velho amigo dos sofredores¹⁶.

Os dois mais importantes médicos clínicos da cidade tornaram-se rivais políticos ao longo das décadas de 1930 a 1940. Crescêncio Silveira, na década de 1930, criticava o estado

¹⁴ Ata da reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista de 09 de março de 1941. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

¹⁵ Maternidade "Regis Pacheco". Jornal *O Conquistense* de 14 de janeiro de 1956. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

¹⁶ Dr. Crescêncio Antunes da Silveira Quarto aniversário do seu falecimento. Jornal *O Conquistense* de 13 de outubro de 1956.

de abandono da irmandade e de sua mais importante obra, o hospital. No entanto, ele próprio também se beneficiaria com a instituição, com o angariamento de votos nas eleições municipais e estaduais que participou neste período¹⁷.

Régis Pacheco, em função do golpe de Getúlio Vargas em 1930, viveu “um certo ostracismo do exercício direto do poder no período de 1930 a 1937, quando Deraldo Mendes chefiou a municipalidade graças a sua aliança com Juracy Magalhães”¹⁸. Esse isolamento se refletiu no interior da Santa Casa de Misericórdia, haja vista que ele não assumiu nenhum cargo na Provedoria até o ano de 1937.

De todo modo, Régis Pacheco continuou desempenhando gratuitamente sua função de médico do Hospital da Santa Casa. Em 1933, Crescêncio da Silveira, então provedor, “estudando e demonstrando a situação de dificuldades financeiras da Santa Casa propõe à Mesa a dispensa do médico assalariado e que a mesma solicite dos Médicos residentes na cidade os seus serviços sem remuneração”¹⁹, e Régis Pacheco se prontificou imediatamente a servir à Santa Casa.

Em 1938, com a instauração do Estado Novo no Brasil, Régis Pacheco foi nomeado prefeito pelo novo interventor do Estado Novo da Bahia, Landulfo Alves de Almeida, durando seu mandato até o ano de 1945. Neste mesmo ano, não por coincidência, Régis foi escolhido como Irmão Visitador nas eleições para a Provedoria da Santa Casa de Conquista, reforçando a tese de que a Irmandade da Santa Casa “teceu forte aliança com o poder central, tanto durante o período colonial quanto no Império Brasileiro e início da República” (BARRETO, 2011, p.20) e sempre buscou angariar apoio político, através do recrutamento das elites locais em seus quadros.

¹⁷ Crescêncio da Silveira foi conselheiro municipal entre 1918 e 1920, deputado constituinte estadual da Bahia entre 1935 e 1936 e vereador da cidade de Vitória da Conquista entre 1948 e 1950.

¹⁸ Deraldo Mendes fazia oposição a Régis Pacheco desde antes de 1930 e, por isso, foi colocado no poder pelo governo Vargas a partir de 1930, na busca de substituição das oligarquias tradicionais por novas lideranças mais sintonizadas com o novo regime. De acordo com Belarmino Souza, essa oposição que chega ao poder pós-30 em Conquista “nada mais era que uma dissidência minoritária da endogamia conquistense, não tinha nem diferença de classe ou ideológica em relação à situação majoritária. As questões políticas das instâncias superiores do poder de Estado serviram de catalisadores das condições para a tomada de assalto do poder municipal. Contudo manteve-se o caráter oligárquico endogâmico da política conquistense” (SOUZA, 1999, p.138).

¹⁹ Ata da reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 06 de agosto de 1933. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

O declínio político – ainda que transitório²⁰ – de Régis Pacheco representou a ascensão de Crescêncio da Silveira. Entre os anos de 1931 e 1938, Crescêncio da Silveira foi nomeado Provedor em todas as eleições da Santa Casa de Misericórdia, com as exceções do ano de 1935, provavelmente em função de ter sido eleito deputado estadual no final de 1934 e ter necessitado se afastar de suas atividades médicas para cumprir o exercício da legislatura na capital baiana e do ano de 1936, quando foi eleito Vice-Provedor. As eleições para provedoria desta irmandade eram anuais e entre os anos de 1917 – ano da fundação da instituição em Conquista – até 1952 – ano da morte de Crescêncio da Silveira – foram realizadas vinte e oito eleições²¹. Dessas, ele assumiu cargo em dezessete eleições, sendo dez como provedor, duas como vice-provedor, quatro como irmão visitador e uma como membro da comissão de contas, o que significa dizer que ele esteve na gestão da Irmandade nos momentos mais importantes da estruturação desta Instituição.

A eleição de Crescêncio da Silveira como deputado constituinte estadual em 1934 esteve imersa no novo arranjo político local e estadual. Apoiador de Juracy Magalhães, foi eleito pelo PSD e contribuiu para a construção do grupo hegemônico no Estado. Como destacou Ana Pinho “dos 43 deputados estaduais, a bancada do PSD para a Constituinte Estadual era formada por 29 membros” (PINHO, 2010, p.116), dentre eles Crescêncio Antunes da Silveira.

Juracy Magalhães havia sido nomeado interventor na Bahia por Getúlio Vargas entre os anos de 1931 e 1935 e encontrou forte resistência na capital à sua nomeação, dentre outros motivos, estava o fato dele não ser baiano. Em Conquista, esse apoio se deu inclusive através da Santa Casa de Misericórdia. Em 1934, quando em visita à cidade, Juracy Magalhães estabeleceu uma subvenção para o Hospital, que passava por problemas crônicos de falta de recursos financeiros. Certamente que a presença de Deraldo Mendes e de Crescêncio Silveira

²⁰ Com o novo golpe de 1937, ele voltou à cena política. Entre 1938 e 1945, Régis Pacheco foi prefeito de Vitória da Conquista; em 1946, foi Deputado Constituinte Estadual; entre 1951 e 1955 foi governador do Estado da Bahia; e deputado federal pela Bahia entre os anos de 1959 e 1971. Ver Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, verbete Luis Régis Pacheco Pereira. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acesso em: 22/11/2012.

²¹ Informações retiradas das atas de reuniões da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista entre os anos de 1917 e 1952. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

como seus maiores apoiadores na cidade contribuíram para o recebimento do benefício, de certa maneira mantendo a política clientelista da troca de favores. Logo depois, Crescêncio se candidataria deputado. Como narrou o jornal local *O Combate*:

A nossa Conquista que, durante os quarenta anos da Velha República não recebeu dos governos baianos nenhum melhoramento que mereça assinalado, que possa ao menos figurar em os nossos anais, há recebido, há merecido desse moço cearense favores, melhoramentos, benefícios que nunca lograra de patrióticos baianos. [...] Agora é a Santa Casa de Conquista que mereceu as vistas de sua benemérita administração. O Governo do Estado acaba de decretar para a Santa Casa de Conquista, a subvenção de dez contos de reis. Este sagrado estabelecimento vem desde seu começo lutando com mil obstáculos, pisando espinhos para manter-se na estrada que se traçara. O capitão Juracy vem pois ajuda-lo a saltar uma forte barreira. Por este e outros gestos do ilustre Interventor, Conquista bem o vê com a personalidade de um baiano legítimo²².

A década de 1930 foi crucial para os destinos do Hospital da Santa Casa e a presença de Crescêncio à frente desta Instituição foi decisiva para que esta obra de caridade continuasse. Também é o período do longo governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e de mudanças importantes nas políticas públicas de saúde no país, com a criação do ministério da educação e saúde em 1931, a implementação de subsídios federais e a participação efetiva do Governo Federal nos estados e municípios brasileiros. De acordo com Gilberto Hochman (2005, p.132),

Utilizando-se recursos financeiros e prestação de assistência técnica, os problemas dos estados deveriam ser tratados conjunta e sistematicamente, sem privilégios. Este objetivo é claramente indicado na lei que aprovou o novo formato do Ministério, contendo um capítulo específico relativo às formas de ação da União. Nele, o governo indica que as Conferências Nacionais de Saúde, assim como as Conferências Nacionais de Educação criadas pela mesma legislação, estavam destinadas a facilitar ao Governo Federal o conhecimento das atividades concernentes à educação e à saúde, orientando a execução dos serviços estaduais e locais e a concessão de auxílios e subvenções federais.

Apesar das perspectivas de mudanças na saúde pública, o governo Vargas continuou o modelo da Primeira República, que auxiliava as Santas Casas de Misericórdias, haja vista que, conforme Liliane Fernandes (2009, p.112) afirma

²² “Mais um benefício do Governo Juracy Magalhães à nossa Conquista – 10 contos de réis para a Santa Casa de Misericórdia”. Jornal *O Combate* de 01 de abril de 1934. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

Apreende-se que o Governo admitia a necessidade da existência de estabelecimentos assistenciais da rede paralela à estatal e da atribuição federal em ampará-los. Em muitas cidades brasileiras, os equipamentos sociais eram os únicos a atender a população e o Governo auxiliava-os.

As subvenções federais foram importantes para a sobrevivência da Santa Casa de Vitória da Conquista. A partir de julho de 1931, o prédio da Santa Casa começou a receber melhorias e a partir de março de 1932 o hospital começava a receber e tratar os pobres enfermos da cidade, como comunicou o provedor Crescêncio Silveira de “haver internado doentes desde o mês passado e achar-se consultório e ambulatório em função para o que convidou por ofício a todos os médicos locais”²³. A filantropia continuava norteando o trabalho no hospital, com os profissionais médicos servindo à obra filantrópica gratuitamente.

A partir daí, os doentes pobres começaram a ser tratados pelo hospital São Vicente de Paulo²⁴. No final de 1932, havia uma demanda reprimida por este tipo de atendimento, pois “os doentes atendidos no Ambulatório foram em número de 742 do primeiro semestre”. Para uma cidade de cerca de trinta mil habitantes, cuja maioria localizava-se na zona rural, atender o equivalente a quase três por cento (3%) de sua população em seis meses evidencia o quanto os pobres eram carentes de serviços de saúde.

Em 17 de novembro de 1932, a Santa Casa recebia o título de utilidade pública. Com isso, o prestígio e a fama de Crescêncio da Silveira aumentaram enormemente e ele retomava sua carreira política. Tanto assim que no final de 1932 ele organizou um corpo clínico, nomeando um diretor médico e uma enfermeira para os cargos, pois, segundo ele “achar-se muito esgotado de trabalhos no fim do ano administrativo, quando precisa de tempo e forças para outros misteres em favor da Santa Casa, não podendo continuar como diretor”²⁵.

Esse esgotamento advinha, além do atendimento médico diário aos pacientes da Santa Casa, das prestações de contas ao Governo Federal, que buscava fiscalizar a aplicação das

²³ Ata de reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 03 de abril de 1932. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

²⁴ Vale informar que não encontramos os prontuários deste período, o que dificultou o trabalho de reconstruir o perfil dos pacientes atendidos, as doenças mais comuns e as práticas médicas. As atas da Irmandade e os jornais, para este período, foram os documentos encontrados especificamente sobre o hospital.

²⁵ O médico nomeado foi Agnelo Vellozo e a enfermeira foi Arabella Vargas. Ata de reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 04 de dezembro de 1932.

subvenções. No entanto, mesmo com as subvenções recebidas, o Hospital passava por muitas dificuldades financeiras. O fato de ter se iniciado efetivamente a medicalização do hospital São Vicente de Paulo criou uma demanda crescente, como afirmamos anteriormente, que aumentava as despesas da Instituição para além da sua capacidade. Na década de 1930, Crescêncio da Silveira empreendeu esforços para angariar recursos, “enviando relatório ao multimilionário John Rockefeller pedindo um auxílio para a manutenção do Hospital”²⁶ em 1933 e em 1936 enviou “uma mensagem que dirigiu ao Governador Juracy Magalhães, irmão benfeitor desta Instituição, narrando-lhe a situação de penúria deste Hospital e pedindo-lhe o remédio de uma verba de auxílio, que espera ser realizada no próximo ano vindouro”²⁷. Assim, esse médico usava do capital simbólico da Santa Casa de Misericórdia para conseguir recursos.

Crescêncio da Silveira buscou, incessantemente, defender a ideia de que o hospital criado pela Irmandade da Santa Casa da cidade era um espaço de exercício da caridade cristã e de que era preciso que a comunidade local auxiliasse, especialmente com donativos, esta obra pia. Em 1936, ao tomar posse mais uma vez como provedor, ele elogia a última gestão e afirma “embora ela não contasse com a boa vontade dos Conquistenses em seu benefício [...] lamentando a maneira de proceder do povo Conquistense para com a Irmandade da Santa Casa que, infelizmente, não compreende os seus sagrados deveres”²⁸. Em 1937, esse discurso ganhava maior ênfase, quando ele relaciona, uma vez mais, a filantropia à caridade cristã e ressalta a “indiferença dos próprios Irmãos a esta obra pia quando passava-lhe na mente a frase de Pio X que disse ser melhor ruir uma cidade a se fechar um hospital”²⁹.

A sobrevivência da instituição defendida por este filantropo incluía o recurso das religiosas como enfermeiras do hospital, que não precisariam receber uma grande quantia em dinheiro, haja vista que este trabalho seria, igualmente, baseado na caridade cristã. Crescêncio Silveira comunicou, em 1934, “que escreveu para Roma pedindo as Irmãs para dirigir o

²⁶ Ata de reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 10 de outubro de 1933. Sobre a atuação da Fundação Rockefeller na Bahia ver: PONTES, 2007.

²⁷ Ata de reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 08 de dezembro de 1936. Arquivo da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

²⁸ Idem, dia 02 de fevereiro de 1936.

²⁹ Idem, dia 01 de janeiro de 1937.

Hospital”³⁰, no entanto, esta solicitação só seria atendida dez anos depois, em 1944, com a chegada de duas Irmãs da Ordem de Santa Catarina de Sena, conforme anunciou festivamente o jornal *O Combate*:

Acabam de chegar a esta cidade as irmãs enfermeiras Soror Giovana (superiora) e Soror Rosa, que já se acham a frente dos serviços hospitalares da Santa Casa de Saúde, sendo que as mesmas foram apresentadas oficialmente à Irmandade, no dia 16 do corrente e sessão solene falando o Pe. Luís Palmeira felo feliz acontecimento de há muito esperado, o dr. Crescencio Silveira, e em um agradecimento em nome das irmãs, o Frei Egidio Delcito. O atual Provedor dr. Arthur Seixas, que não tem poupado esforços a bem dos que mourejam naquela Casa, aguarda nos princípios do próximo mês, mais três irmãs para o mesmo serviço.³¹

O desenho institucional adotado pela Santa Casa de Conquista expressava a relação existente entre essa entidade e a população. Por ser obra assistencialista, gratuita, voltada para a população mais carente, sem retorno financeiro para os nela envolvidos, essa instituição era praticamente a causa de um homem só, ou de poucos homens, como explicita – talvez propositadamente – a documentação. O discurso do descaso, do descompromisso, da “indiferença dos Irmãos, dos Conquistenses e principalmente da Prefeitura, que há anos não contribui com a verba orçamentária do Hospital”³² é recorrente nas atas da Irmandade.

O modelo médico-caritativo vigorou por muitos anos no hospital da Santa Casa de Conquista. Mesmo com a introdução da categoria de pensionista, ou seja, do doente hospitalizado que podia pagar pelos serviços médicos, a partir de 1940, a instituição continuava utilizando-se do trabalho médico de maneira gratuita, incluindo-se aqui Crescêncio Antunes da Silveira:

O Provedor manda constar em ata um voto de louvor aos Srs. médicos pelo modo caridoso com que ofereceram para trabalhar pelos pobres, gratuitamente. Assim sendo, diz o Sr. João de Oliveira Lopes, já a Santa Casa não terá necessidade de pagar cem mil reis mensais a um medico como vinha fazendo até então³³.

³⁰ Idem, dia 01 de julho de 1934.

³¹ “Chegaram as irmãs enfermeiras para a Santa Casa”. Jornal *O Combate* de 20 de janeiro de 1944.

³² Idem, *ibidem*.

³³ Idem, dia 07 de janeiro de 1940.

A filantropia cristã praticada por Crescêncio da Silveira comprometeu sua própria sobrevivência material, pois em 1952, poucos meses antes de sua morte, a Câmara Municipal da cidade aprovou uma lei que criava uma gratificação, com o seguinte argumento:

Fica o Poder Executivo autorizado a abrir um crédito especial de Cr.\$ 24.000,00 anual para pagamento, a título de gratificação ao Dr. Crescêncio A. Silveira reconhecendo os seus 26 anos de serviços clínicos prestados a coletividade Conquistense como médico absolutamente humanitário, sem visar qualquer recompensa que a de servir nossa terra, mitigando, noite e dia os sofrimentos de um povo que lhe deve esta pálida lembrança nos últimos dias de sua preciosíssima existência, carente, hoje, do auxílio de todos, não somente pelo seu grave estado de saúde como pela falta de meios materiais para assistir à sua respeitável e ainda confortadora velhice de apóstolo do bem³⁴.

Crescêncio Antunes da Silveira teve sua trajetória pessoal e profissional associadas ao hospital da Santa Casa e à filantropia praticada por ele. Em meio a uma sociedade interiorana e com poucos recursos, tomou decisões que traçaram o perfil da filantropia cristã e dessas escolhas, conforme explica Nobert Elias (1994, p.48),

Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. [...] Seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda esse rede humana móvel.

Portanto, Crescêncio, ainda que criticasse sua comunidade – esse universo social fora de seu controle – pelo falta de compromisso com a caridade, foi impulsionado por essa mesma sociedade a tomar atitudes que determinaram a existência, até hoje, do hospital da Santa Casa como local de acolhimento dos denominados pobres e desvalidos.

Referências bibliográficas:

BARRETO, Maria Renilda Nery e SOUZA, Christiane Cruz de (orgs). *História da saúde na Bahia: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri: Minha Editora, 2011, p.20.

³⁴ Ata da reunião da Câmara Municipal de Vitória da Conquista de 09 de maio de 1952. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p.48.
- FERNANDES, Liliane Alves. *As Santas Casas da Misericórdia na República brasileira (1922-1945)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Políticas de Bem-Estar). Universidade de Évora, Évora.
- FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de Saúde Pública no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec; ANPOCS, 1998.
- _____. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Revista Educar*, Curitiba, n. 25, p. 127-141, 2005.
- OLIVEIRA, Edileusa Santos. *O Ginásio de Conquista – memória de uma instituição escolar (1940-1960)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.
- PINHO, Ana Luísa Araújo Caribé de Araújo. *De Forasteiro a Unanimidade: a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- PONTES, Adriano Arruda. *Caçando Mosquitos na Bahia - A Rockefeller e o combate à febre amarela: inserção, ação e reação popular (1918-1940)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, dez. 2010, p.439. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752010000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 19 nov. 2012.
- SANTOS, Israel Silva dos. *Igreja Católica na Bahia. A reestruturação do Arcebispado Primaz (1890-1930)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SOUZA, Belarmino de Jesus. *Arreios, currais e porteiras. Uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República*. 1999. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- _____. Uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República. IN: AGUIAR, Edinalva Padre. et alli. *Política: o poder em disputa*. Vitória da Conquista e região. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Série Memória Conquistense, v. 3, 1999.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A Gripe Espanhola na Bahia: Saúde, Política e Medicina em tempos de Epidemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Salvador: Edufba, 2009.
- VIANNA, Aníbal Lopes. *Revista Histórica de Conquista*. Vitória da Conquista: Gráfica Jornal de Conquista, 2 vols., 1982.